

O Fantasma de Canterville

Oscar Wilde



Oscar Wilde, um dos mais conhecidos e importantes escritores irlandeses do século XIX e uma das grandes figuras da literatura universal.

O Fantasma de Canterville conta a história de um diplomata americano – Mr. Otis – que, chegado a Inglaterra, decidiu comprar o Castelo de Canterville. Foi avisado pelo próprio proprietário, Lord Canterville, um homem de grande honestidade, que o castelo era assombrado, que vários membros da sua família tinham visto um fantasma naquele edifício, a sua tia-avó desmaiara de um susto ao sentir as mãos de um esqueleto nos seus ombros e Lady Canterville pouco dormia por causa dos misteriosos barulhos vindos dos corredores e da biblioteca. Contudo, tanto o diplomata como a mulher, Mrs. Otis, não se deixaram

intimidar e compraram o castelo, onde se instalaram pouco tempo depois, com os seus filhos: *Washington*, o mais velho, os gémeos, conhecidos por “*Stars and Stripes*”, e *Virgínia*, uma adolescente encantadora.

De facto, desde que chegaram a Canterville Chase, começaram a acontecer situações incríveis. Mal entraram na alameda do castelo, o céu, que pouco antes estava iluminado pelo sol, ficou subitamente encoberto e começou a chover. Quando entraram na biblioteca e Mrs. Otis reparou numa nódoa vermelha, ao lado da lareira, a governanta informou-a que era o sangue de Lady Eleanore de Canterville, assassinada naquele lugar pelo marido. Este desaparecera em circunstâncias misteriosas, mas o seu espírito ainda assombrava a mansão. Indiferente à informação, Mrs. Otis mandou imediatamente tirar a nódoa, pois não gostava de manchas de sangue numa sala. *Washington* e os

gêmeos, longe de se assustarem com as aparições do fantasma, divertiam-se, pregando-lhe partidas. O diplomata, em vez de sentir temor, aconselhava o fantasma a lubrificar as correntes, para não incomodar com o barulho. Mrs Otis, ao ouvir uma gargalhada demoníaca do fantasma, em vez de ficar aterrorizada, perguntou-lhe se estava a sentir-se mal e ofereceu-lhe um xarope. O fantasma sentia-se amargurado, humilhado, inútil. Desesperado e exausto, pois já não dormia há trezentos anos, pediu a Virgínia, a filha adolescente do casal americano, muito sensível e meiga, que o ajudasse a abrir os portais da casa da Morte.

O que teria acontecido a partir daí? Não vou revelar...

Podemos ver, neste conto, uma paródia das lendas de fantasmas, através de uma troca de papéis das personagens: o fantasma, supostamente aterrorizador, falha as suas funções e passa a aterrorizado. O texto está impregnado de ironia, que provoca o cómico e salienta as diferenças culturais entre as sociedades inglesa e americana daquela época.

Leiam este conto singular e tenho a certeza que ficarão fascinados. A linguagem utilizada, repleta de ironia, de sarcasmo, proporciona uma leitura aliciante.

Inês Carvalho dos Santos, n.º 7, 7º B

Ilustração de Eduarda Guerra, n.º 23, 12º E